

COMPOSITORES DE 1992'

(III - Massenet, Boito e Milloecker)

Jules Massenet (1842-1912) foi certamente a mais influente figura da música francesa nos fins do século passado e início do atual. Dotado de imaginação e capacidade de trabalho extraordinárias, capaz de se adaptar a situações e ambientes os mais diversos, sem se alterar em coisa alguma, tal o seu equilíbrio emocional, adorado pelos seus discípulos pelo calor humano e pela cordialidade que sabia irradiar, teve tudo para assegurar enorme sucesso diante de seus contemporâneos. Sua música possui um poder de sedução e qualidades que lhe eram bem próprias. Professor do Conservatório de Paris, provalmente nenhum músico tenha exercido tanta influência nas muitas gerações que passaram pela famosa Instituição. Três de suas óperas, "Manon", "Werther" e "Thais", permanecem entre as mais frequentes no repertório lírico internacional. Suas fontes são preciosas: o Abade Prevot, para "Manon"; Goethe, para "Werther" e Anatole France, para "Thais". Deixou muitas outras, menos frequentes nos "cartelloni", dos teatros intenacionais, mas igualmente valiosas: "Herodiade", "Le Jongleur de Notre Dame", "Le roi de Lahore", "Le Cid", "Sapho", "Don Quixote" (esta, composta especialmente

para o famoso baixo russo Chaliapin), "Cendrillon"... Fora do campo operístico, "Les Erinnyes", "Scenes pittoresques" e diversas canções, entre as quais a famosa "Elégie".

Arrigo Boito (1842-1918) era especialmente um poeta e poeta de primeira água. Prova-o, entre outras coisas, os libretos magistrais que escreveu para as duas últimas óperas de Verdi, "Otelo" e "Falstaff", ambas de inspiração shakespeariana. Mas, deixou também diversas obras, das quais apenas uma sobrevive: "Mefistófeles", de 1869. Esta ópera constituiu uma bela experiência de renovação da lírica italiana. Naturalmente, sua preocupação de inovar fez atirar contra Boito todo o conservadorismo de sua época. "Mefistófeles" não gozou nunca do favor do grande público. De fato, não era fácil desenvolver o tema do "Fausto" numa ópera de maneira a não deixar obscuro o ponto central do poema e a não sacrificar nenhuma de suas idéias mestras. Além do mais, os auditórios italianos não estavam habituados a temas intelectualizados. De fato, a um ambiente acostumado a óperas girando em torno de intrigas, paixões, de crimes ou simplesmente de temas históricos ou românticos, mas de um romantismo que

Odilon Nogueira de Matos apelava apenas para os sentimentos, não era mesmo fácil alcançar as sutilezas do pensamento de Goethe, através do tratamento que lhe deu Arrigo Boito. Viveu até 1918, mas pouca música compôs. Dedicou-se mais à poesia e à crítica musical.

O vienense Karl Milloecker (1842-1899) tem seu nome praticamente restrito ao campo da ópera ligeira e da opereta. Foi regente de orquestra e diretor de teatros antes de dedicar-se à composição. Vivendo quase toda a sua vida na capital da Áustria, cidade musical por excelência, impregnou-se de seu espírito, não só quanto à música de concerto, mas especialmente à "volksoper" isto é, a ópera popular, que possuiu a ser designada por "opereta" para contrastar com a seriedade da chamada grande ópera. Neste setor, escreveu suas obras mais importantes, nada menos que doze, sendo as mais conhecidas "Dubarry", "Gasparone" e especialmente "O Estudante Mendigo", estreada em 1882 e considerada suas obra prima. Sua música é alegre e jovial, como que visando à popularidade, aliás facilmente alcançada, numa linha muito parecida como a do segundo João Strauss.